

A POSIÇÃO DO NARRADOR NO ROMANCE *A RESISTÊNCIA*, DE JULIÁN FUKS

THE POSITION OF THE NARRATOR IN THE ROMANCE A RESISTÊNCIA, BY JULIÁN FUKS

José Ricardo Costa Miranda Filho
UNA

Resumo: Ao longo dos anos, a literatura soube mostrar diversas formas de analisar, interpretar e mostrar a realidade do escritor e de sua sociedade a partir da época e da cultura em que se encontra. Apresentar fatos de alguém ou de um povo é diferente de acordo com a época e com o autor, no entanto a escrita de si é cada vez mais comum na literatura contemporânea brasileira. A partir daí, identificar os limites entre o autor e o narrador com atenção em relação a como o enredo se desdobra. Por conseguinte, o presente artigo tem como objetivo analisar a posição assumida pelo narrador no romance *A Resistência*, de Julián Fuks, analisar a subjetividade do texto, compreender por meios dos elementos da narratologia as estratégias de como narrador atua para construção da obra. Propõe-se, desse modo, realizar uma pesquisa analítica e explicativa sobre o enredo, pois trata de um ponto importante sobre a narratividade, fato que contribui para se entenderem os seus possíveis desdobramentos. Para entender e discutir com precisão e alcançar o que se pretende durante o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizados como base teórica textos de críticos basilares acerca do assunto: Theodor Adorno que estuda a “Posição do narrador no romance contemporâneo”; Roland Barthes que verifica como o autor se apresenta na obra; Michel Foucault que também estuda a questão do autor; Phellipe Lejeune e Serge Doubrovsky que elucidam, respectivamente, a autobiografia e a autoficção; o próprio Julián Fuks que publicou o ensaio “A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo” na obra *Ética e pós-verdade*; entre outros críticos que estudaram a literatura contemporânea, como Leyla-Perrone Moisés e Karl Erick Schollhammer.

Palavras-chave: Narrador. Autoficção. Autobiografia. Julián Fuks.

Abstract: Over the years, literature has been able to show different ways of analyzing, interpreting and showing the reality of the writer and his society based on the time and culture in which he finds himself. Presenting facts about someone or a people is different depending on the time and the author, however self-writing is increasingly common in contemporary Brazilian literature. From there, identify the limits between the author and the narrator with attention to how the plot unfolds. Therefore, this article aims to analyze the position taken by the narrator in the novel *The Resistance*, by Julián Fuks, analyze the subjectivity of the text, understand through the elements of narratology the strategies of how the narrator acts to construct the work. It is therefore proposed to carry out analytical and explanatory research on the plot, as it addresses an important point about narrativity, a

*fact that contributes to understanding its possible consequences. To understand and discuss precisely and achieve what is intended during the development of this work, texts from key critics on the subject were used as a theoretical basis: Theodor Adorno, who studies the “Position of the narrator in the contemporary novel”; Roland Barthes who checks how the author presents himself in the work; Michel Foucault who also studies the issue of the author; Phellipe Lejeune and Serge Doubrovsky who elucidate, respectively, autobiography and autofiction; Julián Fuks himself, who published the essay “The era of post-fiction: notes on the insufficiency of fabulation in the contemporary novel” in the work *Ethics and post-truth*; among other critics who studied contemporary literature, such as Leyla-Perrone Moisés and Karl Erick Schollhammer.*

Keywords: *Narrator. Autofiction. Autobiography. Julian Fuks.*

Introdução

A literatura persiste em discorrer sobre temas, conteúdos e modos de pensar por meio de análises, interpretações e explicações daquilo que está à sua volta e no seu tempo. De acordo com a escrita de cada obra literária, existem alguns fatos que merecem destaque para compreender cada vez mais os objetivos e a função da literatura. Deste modo, nota-se que a performance da escrita requer muito mais que a atenção.

Após o início da compreensão da literatura enquanto literatura, tentou-se realizar um tipo de síntese e discussão acerca do que ela é a fim de entender a estrutura do texto literário que o faz ser reconhecido como tal. No entanto, o que forma a literariedade de uma obra? Como atribuir determinado valor e que critérios seguir para que se faça essa análise? Ao passo que se realizaram essas perguntas ao longo dos séculos, por assim dizer, houve não somente tentativas para definir a literatura como um todo, mas também de analisar o texto isoladamente por meio de teorias que pudessem verificar seus elementos separados ou relacionados a alguma outra temática.

Mas, o que faz a literatura ser o que ela é? Seus elementos — autor, realidade, leitor e linguagem — abarcam conceitos e entendimentos isolados para se discutir a literatura, mas quase nunca se desencontram para delinear tal qual o que ela é (Compagnon, 2010). O objetivo maior do literário é provocar uma experiência de mundo, é fazer com que vejamos além das coisas, percebendo o que se esconde dos nossos olhos no dia a dia. Então, esse entrelaçar de elementos não tem somente como fim último identificar características. No processo de escrita, o autor sempre se posiciona e coloca sua subjetividade no que está escrevendo, pois existe certa relevância no que ele carrega consigo desde sua construção como indivíduo ativo em sua relação social, histórico e cultural dentro de sua sociedade. Tudo o que está à nossa volta nos forma indivíduos e seres pensantes, o que torna a ideologia importante para definir o valor literário, embora não se possa tornar algo exclusivo para se chegar a uma conclusão satisfatória.

O autor por si só sempre parte de um elemento crucial para pôr em prática a sua labuta: a língua é o ponto de partida para que se forme a cultura de um povo. A linguagem mostra todo um conjunto de características que uma sociedade adquire ao longo de sua construção histórica, social e política, o que influencia diretamente a formação da literatura, haja vista existir uma relação entre a obra e seu condicionamento social (Cândido, 2014).

É nesse sentido que se pretende verificar como o narrador pode posicionar-se em uma narrativa como a obra *A Resistência*, do escritor Julián Fuks, lançada em 2015 e vencedora do prêmio Jabuti no ano seguinte, e como ele se caracteriza no texto e o que o difere dos outros tipos de narrador. É importante também analisar como ocorre a distância existente entre o narrador e o autor durante o processo criativo do romance com a intenção de entender o desenvolvimento da identidade desse primeiro elemento e para formação da escrita da obra.

O romance aborda a relação que o narrador Sebastián tem com seu irmão mais velho que fora adotado na Argentina. Os pais acabam viajando para o Brasil por serem perseguidos politicamente devido à militância que tinham no país de origem e à Ditadura que lá se instalou. Desde o primeiro momento, Sebastián aborda o tema da adoção e da família durante o convívio em um país estrangeiro, assim ele tenta rememorar todo passado familiar e afirma que resistir é preciso, seja em contexto político ou pessoal.

Percebe-se ser necessário analisar como se torna possível verificar nessa obra a posição do narrador com a atuação de outros personagens na construção do termo resistência. Por conseguinte, o presente artigo se pautará de uma pesquisa metodológica descritiva acerca do narrador para verificar como se apresenta na obra *A Resistência*. A priori, serão coletadas informações teóricas acerca do narrador para depois explicar o objeto de estudo deste artigo.

Após apresentar estes pontos a serem discutidos, pretende-se usar como base teórica de estudos basilares como os de Theodor Adorno, que se discute sobre a “Posição do narrador no romance contemporâneo”; Roland Barthes, que questiona o espaço do autor na obra; Michel Foucault, que nos passa um exemplo do conceito de autor; Phelippe Lejeune que nos explica sobre a autobiografia na ficção; entre outros estudiosos que contribuem com pesquisas acerca da narrativa contemporânea como Leyla-Perrone Moisés e Karl Eric Schollhammer. Além disso, será analisado o capítulo “A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo”, publicado por Julián Fuks no livro *Ética e pós-verdade*, organizado por ele, Christian Dunker, Cristóvão Tezza, Márcia Triburi e Vladimir Safatle.

O trabalho, deste modo, partirá de análise e reflexão crítica sobre o romance *A Resistência*, de Julián Fuks, por meio de uma pesquisa bibliográfica que fundamente as questões abordadas sobre Literatura e Subjetividade, principalmente no que diz respeito à narratividade, fato que auxiliará na análise e compreensão sobre as diversas formas que a narrativa se apresenta na literatura contemporânea.

A pesquisa se pautará a partir da análise descritiva e explicativa por meio de leitura e estudo bibliográfico sobre o tema (a posição do narrador na obra literária elencada para a pesquisa) com o intuito de fundamentar teoricamente o texto e apresentá-lo de forma concisa e coerente. O presente trabalho pretende analisar o posicionamento do narrador na obra desta pesquisa com o objetivo de compreender melhor a narratividade e seus possíveis desdobramentos, assim como entender o distanciamento entre o narrador e o autor visando compreender a composição da identidade na narrativa. Não se pretende dar fim a este tipo de análise, mas auxiliar com mais um tipo de pesquisa para aumentar o referencial sobre a temática aqui discutida.

O narrador de si mesmo

A literatura sempre foi pródiga em mostrar ser capaz de descrever, analisar e interpretar diversos conteúdos de mais diversas formas. Isso resultou em seus incontáveis gêneros que, cada um à sua maneira, foram capazes de representar sentimentos e experiências das pessoas e do mundo. Um deles, o romance, começou a ganhar forma por volta do século XVIII, quando, após a ascensão da burguesia, surgiu a necessidade de a sociedade ligar-se cada vez ao moderno. As mudanças começaram a surgir principalmente após o início da Revolução Industrial Inglesa que originou aquela vontade de as pessoas desejarem cada vez mais coisas para fazer suas necessidades serem atendidas rapidamente. Assim, com a ascensão da sociedade, começaram a surgir burgos, pequenas cidades que apareceram após o fim da Idade Média e começo da era comercial e industrial (Watt, 1990).

Com essas mudanças, as trocas de experiências começaram a ser mais difíceis, pois cresceu a necessidade de querer mais coisas e torná-las cada vez mais úteis e fáceis, e isso afastou um pouco a oralidade como meio de comunicação mais usado para discorrer sobre algum assunto que estivesse em voga. O romance se apresenta cada vez mais longe da oralidade e está cercado de representatividade dos fatos do mundo. Logo, o meio mais empregado para analisar, descrever e discorrer sobre os sentimentos de angústias adquiridos pela rapidez dessas conquistas foi a utilização das narrativas, principalmente as mais longas como o romance.

A cada passo dado, percebe-se que a humanidade é capaz de mostrar artifícios para moldar qualquer coisa a seu redor para satisfazer suas necessidades de curto, médio e longo prazo. A velocidade das coisas vem intensificando-se cada vez mais de uma maneira que se torna difícil de mensurar. A partir daí, começa-se a questionar como o indivíduo é capaz de absorver os conhecimentos e experiências que são construídos ao longo de sua vida. Todas as transformações sociais, históricas e políticas transformam toda a coletividade e, conseqüentemente, as pessoas e seus grupos aos quais possam pertencer ao longo do desenvolvimento de sua identidade.

A escrita, portanto, pode ser vista como um modo de identificar, analisar e interpretar os elementos sociais, o que ocorre de acordo com a obra trabalhada, já que os diversos gêneros literários apresentam suas características próprias, embora elas possam mesclar-se de acordo com a necessidade e a intenção do autor. Assim, o que se assimila aqui é a questão de como a possível intenção do autor pode colocar em linhas gerais do romance, por exemplo, os elementos associativos à sua sociedade e ao tempo onde vive. É necessário averiguar como ocorrem as mudanças de pensamento ao longo do tempo para se analisar com efetividade as nuances de uma cultura, uma vez que a ideologia é a base para toda a manifestação individual e coletiva em um povo.

A subjetividade humana configura a composição textual da obra a partir da perspectiva do autor sem distanciar a realidade da imaginação devido às semelhanças que possuem. Por conseguinte, faz-se necessário asseverar que o romance é instrumento de ficcionalização que o escritor toma para narrar, descrever e dissertar alguma temática por meio de uma linguagem. O narrador, segun-

do Adorno (2012, p. 62), é alterego do autor e um sujeito literário livre e dependente da narrativa, cujos elementos representam a realidade e são transformados em conteúdo pelo autor devido ao impulso artístico e literário.

Pode-se dizer que o narrador se torna um elemento primordial para análise da narrativa. A realidade e a ficção se tornaram híbridas na contemporaneidade, o que não resultou em um apagamento do autor nem do narrador, mas essa junção fez surgir uma nova estratégia de referenciar a individualidade do autor, tornando-a cada vez mais explícita na literatura. No romance *A Resistência*, de Julián Fuks, o narrador se torna um sujeito livre e dependente da narrativa, porém mais próximo ao autor por meio de um pacto verossímil e ficcional e com fronteiras cada vez mais ausentes entre fato e ficção presentes na obra.

Quando se objetiva analisar a narrativa de um modo geral, verifica-se como cada elemento se comporta. Os dois primeiros a serem vistos são o autor e o narrador, cujas identidades se confundem por diversas vezes. Por assim dizer, para Barthes (2004, p. 58), o autor começa a perder sua voz e dar lugar ao narrador, fazendo a construção da escrita e conseqüentemente da narrativa. Desse modo, percebe-se que a obra terá seu significado em si mesma e não revelado pelo autor. Segundo esse pensamento, o narrador é o elemento fundamental para se compreender a história, pois é ele quem a descreve e escreve, e “o autor nunca é nada mais para além daquele que escreve, tal ‘como eu não é senão aquele que diz eu’ (Idem, p. 60).

Percebe-se, nesse sentido, que a literatura se tem aproximado cada vez mais da realidade como se a narrativa fosse um relato ou um testemunho do autor. É possível verificar que a realidade pode estar presente dentro da narrativa, mas não como retrato fiel, embora se possa afirmar que há um distanciamento menor entre o real e a ficção. Segundo Perrone-Moisés (2016, p. 89):

O realismo ficcional, recusado pelos modernistas como falso, e por Adorno como impossível, voltou por outros caminhos no romance contemporâneo. Renunciando à descrição da sociedade como um todo, os romancistas têm se tornado cada vez mais detalhistas. A herança mais importante do ‘novo romance’ francês foi a maneira de descrever o real sem interpretar, numa busca de redução fenomenológica. Claude Simon praticou e defendeu teoricamente a descrição como um modo de religar, pela memória um mundo fragmentado.

Nesse sentido, a aproximação com o nível de consciência do escritor se mostra como um modelo capaz de reproduzir-se para o desenvolvimento do narrador enquanto ser pensante e de identidade própria. Apesar de cada obra apresentar construções particulares, é perceptível que o narrador e o autor se aproximam, sendo, como afirma Barthes, a mesma função literária.

O narrador, nesse sentido, passa a ser aquele elemento literário que tem como função ser o contador da história e ao mesmo tempo autor, mesmo que haja alguém por trás dele durante a criação literária. Para Schollhammer (2009, p. 45), todo o processo de escrita é um reflexo dos fatos, logo mostra tudo o que está presente no mundo, fazendo o narrador ser também autor e personagem do enredo. Nesse sentido, far-se-á uma análise acerca a autobiografia e da autoficção com o

objetivo de compreender melhor essas narrativas e como a crítica contemporânea tem observado essas formas de verificar o “eu” cada vez mais presente na literatura.

Autoficção e autobiografia: novas perspectivas da narrativa contemporânea

Tendo teóricos relevantes, como Barthes (1967), Foucault (1969), Philippe Lejeune (2008), Eurídice Figueiredo (2020), Leyla Perrone-Moisés (2016), Karl Erick Schollhammer (2016), entre outros, para embasamento para se compreender o presente estudo, faz-se necessário refletir sobre a posição do narrador a fim de compreender como a narrativa e seus desdobramentos atuam em uma obra. Pretende-se também analisar o processo de subjetividade durante a escrita como modo de referenciação do autor sobre o narrador e vice-versa, principalmente por possibilitar na narrativa a (auto)ficcionalização. Nesta leitura, o desejo é focalizar a relação com o irmão mais velho de Sebastián construída por ele através de uma revisão do passado a fim de entender as motivações e as atitudes do irmão, tendo como fundo histórico a Ditadura Militar vivida pelos pais na Argentina.

A capacidade de construir conhecimento, elemento fundamental para que ele possa desenvolver diversos saberes, começaria por meio de expressões subjetivas, mas sempre com influências recebidas na interação com outros sujeitos, pois a pessoa sempre recebe influências externas (familiar, escolar e religiosa, por exemplo) até que seja capaz de produzir sua personalidade e interpretar as coisas sob seu ponto de vista mais crítico. Tudo isso é sempre atrelado à memória humana, que faz o ser humano construir uma perspectiva das coisas. Corrobora-se que os acontecimentos e os conhecimentos históricos contribuem com essa formação de entendimento, do desenvolvimento do comportamento humano que produz a interação entre os indivíduos em sociedade, o que faz surgir suas produções em cultura e política, por exemplo (Ricouer, 2003, p. 1).

No caso de *A Resistência*, Fuks foi capaz de trazer à tona acontecimentos da Ditadura Militar na Argentina que ocorreram quando ele não era nascido ainda. O próprio escritor assevera que a realidade pode tornar-se parte da obra de acordo com os seus elementos, mas não no sentido de elaborar “ficção convincente ou de aprimorá-lo em sua reinvenção fantasiosa, mas um real acessado de maneira direta, convocado a participar da ficção para que não a deixe incorrer em impertinência” (Fuks, 2018, p. 39). A literatura e a história de testemunho têm sido algo bastante corriqueiro entre os escritores contemporâneos, o que demonstra a capacidade de entrelaçar fragmentos históricos e pessoais para preencher lacunas e, conseqüentemente, desenvolver um enredo verídico de acordo com a perspectiva de quem o escreve.

Pode-se dizer ainda que o romance *A Resistência* apresenta tanto um caráter histórico quanto testemunhal e familiar. De forma não linear, nota-se que o narrador não apresenta fatos ligados ao passado que não viveu, mas pertencente a outros personagens da história: seu irmão mais velho e seus pais quando viveram na Argentina durante a ditadura desse país. A partir daí, surge não apenas o conceito de pós-ficção, mas também de pós-memória, termo designado por Marianne Hirsch (2008 *apud* Figueiredo, 2020, p. 3) o qual diz respeito a “eventos vividos pelos ancestrais, transmitida através do testemunho pessoal de familiares ou amigos” (Figueiredo, 2020, p. 3). Na obra

discutida neste artigo, é possível notar que o narrador assume a experiência dos outros a partir do imagina terem vivido, e o autor faz também uma ficção ao se colocar nesta condição. Percebe-se, por conseguinte, que toda a história da obra requer a necessidade de se debruçar nas memórias e entendimentos de familiares de Sebastián que trará à narrativa toda a sua reflexão acerca dos acontecimentos vividos. Desde o início, o narrador traz à tona fatos que remontam aos seus ancestrais, desde a origem na Alemanha, de onde saíra seu avô, até Buenos Aires, local de nascimento de seu pai

Supunha-se que a história tivesse início na Alemanha, mas se a família era judia, e mesmo que não fosse, se a família existia desde tempos inconcebíveis tal como existe qualquer família, todas elas derivações do mesmo ancestral absoluto e longínquo, é evidente que esse início era definido arbitrariamente e que podia se dar em qualquer época, em qualquer lugar antigo habitado por humanos. [...] A verdadeira história dessa metade da família começava bem mais tarde, entre os que rumaram para a Romênia, comprando terras na Transilvânia e adaptando a grafia ao novo idioma. (Fuks, 2015, p. 32)

Ambos os judeus, ambos inquietos no princípio de um século que se anunciava macabro, ambos assustados com o antissemitismo crescente que ameaçava seus próximos, em algum momento dos anos 1920 migravam juntos para Buenos Aires. Ali, em 1940, quando as notícias da guerra interrompida se faziam cada vez mais pesadas, e quando já escasseavam as cartas dos muitos parentes deportados para os campos, ali, em 1940, nascera meu pai. (Fuks, 2015, p. 33)

O mais perceptível na narrativa é que Sebastián se apegava a uma reminiscência para poder comunicar algum acontecimento que ele não tem e muito menos o conheceu quando veio à tona. Portanto, é necessário afirmar que a linguagem utilizada pelo narrador é de fundo estético para que se possa elaborar uma ficção e comunique uma história por meio da reconstrução do passado.

A pós-ficção tem a necessidade de apegar-se a todos os assuntos que são de íntima relação com algum acontecimento da história, tendo em vista que muito já fora escrito e ficcionalizado, ou seja, tudo o que está no passado já fez parte da literatura. O que se pode compreender, portanto, é que a história da sociedade passa a ser base para se transformar em ficção e diferentes tipos de narrativas contadas pelas personagens com personalidades variadas. A pós-ficção traz à literatura elementos ligados à historiografia, o que afirma Julián Fuks em seu ensaio no livro *Ética e pós-verdade*, em que fala sobre a necessidade de se discutir sobre esse assunto atrelado à pós-memória, pois muito se tem demonstrado o quanto os narradores podem basear-se nas visões e testemunho para contar sua versão e compreensão do assunto que eles podem vivenciar indiretamente, o que acontece em *A Resistência*, que demonstra várias passagens dos pais de Sebastián durante a Ditadura Militar na Argentina. No entanto, o narrador coloca esses eventos na narrativa sob sua ótica, seu ponto de vista e interpretação.

Fazer pós-ficção não é somente falar de si, mas também falar do outro – às vezes em momentos históricos – pelo fato de o escritor já ter leitura de outros escritores e um arcabouço teórico acerca do que é literatura e de como ela é elaborada. Além disso, a memória e as reminiscências

atraem conhecimentos que contribuem com o fortalecimento da narrativa, auxiliando na criação de personagens e de uma estrutura literária de ordem estética escolhida pelo autor/narrador. Vale ressaltar que autoficção e pós-ficção são conceitos apenas parecidos e não mesma coisa: enquanto a segunda é uma narrativa testemunhal em que se utiliza de fatos históricos, enquanto a primeira não coloca como plano de fundo alguma situação histórica.

O narrador em *A resistência*, de Julián Fuks

A presente seção tem como objetivo fazer a análise do romance *A Resistência*, de Julián Fuks. Para tanto, falar-se-á sobre breve descrição do enredo e as características e o posicionamento do narrador realizando uma relação entre resistência e exílio, entre Sebastián e o irmão adotivo e entre Sebastián e os seus pais.

A narrativa da obra se volta para o ceio familiar: a relação entre Sebastián e o irmão adotivo. A Ditadura serve apenas como pano de fundo histórico para o narrador construir o passado da família por meio de relatos de seus familiares, já que desconhece a história de seus parentes mais próximos. O aspecto mais diferencial deste tipo de narrador se dá quando toma o ponto de vista de outros personagens para experienciar o que não viveu.

O livro se alterna com diálogos sobre assuntos fortes como política, memória e identidade por meio das memórias do narrador: fala da problemática dos pais em relação às origens, principalmente no que diz respeito à questão de identidade, além dos problemas entre Sebastián e seu irmão. Desse modo, falar sobre resistência é discorrer sobre várias temáticas, como militância política, exílio, identidade, visões culturais divergentes e principalmente sobre a difícil relação com o irmão adotivo.

Pergunta-se: quais são as pistas para os elementos que caracterizam o tipo de narrador no romance *A Resistência*, de Julián Fuks? Após o levantamento bibliográfico e análise sobre o tema, pode-se afirmar que o que se pode debater sobre o modo como o narrador se posiciona em uma obra literária tem se modificado ao longo dos anos, mostrando diversos desdobramentos. Os novos movimentos de arte e cultura dependem das novas formas de pensar e agir da atualidade, formas essas que são estilos de recepção diferentes de outrora.

O narrador se alimenta das perspectivas de pontos de vistas e de relatos dos outros personagens. Ele inventa a partir do que ouviu, chega a imaginariamente vivenciar eventos do passado, tentando imaginar o que seus familiares sentiram. O romance *A Resistência*, do autor Julián Fuks, discorre sobre a vida que o narrador Sebastián tem com seu irmão mais velho, adotado na Argentina. Os pais tiveram militância forte em seu país de origem e, por isso, foram perseguidos, o que resultou em um posterior exílio no Brasil. Desde o início do livro, Sebastián utiliza como tema central a adoção e a relação conturbada que teve com os pais, sempre fazendo uma contextualização política, ideológica, social e pessoal ao longo de toda a narrativa. Em todo o enredo, o narrador Sebastián coordena a história partindo de uma análise sobre seu passado para entender a vida de seus pais durante a Ditadura Militar na Argentina, o exílio deles como modo de sobrevivência e como

poderia ter sido a vida de seu irmão antes da adoção. Desse modo, o narrador-personagem desse livro toma de memórias e relatos de testemunho para contar toda essa história de sobrevivência, exílio e choque de culturas dos seus pais em um país novo e da situação de seu irmão adotivo. Tudo isso se torna representação de uma vida familiar após um ambiente de violência que foi o período militar argentino.

Em toda a história, Sebastián discute e mostra temas bastante pertinentes à história, embora não tenha vivido diretamente nenhuma dessas situações: exílio, perseguição política, tortura, ditadura. O narrador nasceu em São Paulo, tempos depois que seus pais vieram para fugir da forma de poder na Argentina que passava por uma Ditadura Militar ferrenha, embora não tenha reminiscências sobre o assunto, o que se pode verificar em várias passagens de *A Resistência*:

Não, não tem um epílogo a história política dos meus pais. Seu inconformismo tem contornos mais discretos e a um só tempo mais nítidos: sua militância sempre se manifestou no hábito de questionar, disputar, discutir. Agora que assim os vejo, sinto que não me diferencio, o que neste momento não o desejo. Agora que a descrevo assim, sem a ficção que a enleve, a arma volta a perder qualquer fascínio. Estou com meus pais enquanto deixam o parque, deixo para trás o que não conheci. Que se limite a insubordinação ao ato reflexivo, tudo bem, à mesa da sala tomo um gole de chá que tanto resolvi. Jamais teria uma arma nas mãos, e dizê-lo é também uma ação, também constitui uma história política. (Fuks, 2015, p. 109)

Destaca-se, nesse sentido, como lembranças muito antigas são estabelecidas, pois alguns fatos da história foram passados através de gerações. Essa relação entre passado e memória é mantida, muitas vezes, através da escrita, caso contrário haveria apenas um quadro artificial na memória individual – como na infância – ou na coletiva – como fatos históricos. Lukács (1968) cita como exemplo a obra *Odisseia*, de Homero, que escreveu versos em uma epopeia sobre tradições mitológicas e históricas que ocorreram há muito tempo, logo seria muito difícil de se compreender a sua época sem esse tipo de produção literária, que, às vezes, era realizada principalmente na oralidade.

Saber narrar está atrelado à noção de observação que o narrador consegue ter, pois observar requer certo nível de aquisição de experiência que só surge com a troca de conhecimento e interação.

Não, isso é ficção, e nem sequer das mais convincentes. Não lembro bem não lembraria o que disse o meu irmão – não posso lhe atribuir um discurso preciso demais, ou vago demais, um discurso extraviado no excesso ou na escassez de sentido. Lembro que por um instante estivemos ali, num diálogo abafado pela intensidade do ruído, um diálogo entre o desconsolo e a compaixão, entre a compreensão e o grito aflito. (Fuks, 2015, p. 99)

A necessidade de se falar sobre as experiências próprias veio da problemática de colocar para o público-leitor algo que deveria ser compreendido por todos, algo que a oralidade não pode descrever e interpretar com tanta exatidão. O narrador faz uma espécie de jogo ao contar sua his-

tória como se fizesse ficção para contar sobre o que deseja mostrar para seu leitor, para seu ouvinte. Ficcionalizar a realidade é retratar a própria vida de modo mais próximo possível a verdade, assim o narrador e o autor se confundem ao contar e fazer, respectivamente, a história e a estrutura da narrativa para se colocar o que é vivido por quem está na narração (Noronha, 2014, p. 14).

Queria falar do meu irmão, do irmão que emergisse das palavras mesmo que não fosse o irmão real, e, no entanto, resisto a essa proposta a cada página, fujo enquanto posso para a história dos meus pais. Queria tratar do presente, desta perda sensível de contato, desta distância que surgiu entre nós, e em vez disso me alongo nos meandros do passado, de um passado possível onde me distancio e me perco cada vez mais. (Fuks, 2015, p. 95)

Tratar assim um texto possivelmente autoficcional como esse é demonstrar o quanto se assemelham o narrador e o autor da obra. Na autoficção, esse distanciamento é praticamente zero, pois esses dois elementos literários exercem a mesma individualidade, logo a conjectura a ser analisada e discutida é que a proposta da autoficção discute o quanto as experiências do autor influenciam a narrativa de uma obra literária, tendo em vista que, por meio da autoridade e do uso da linguagem, é ele que promove a ideologia a ser usada na escrita, como se narrador e autor se confundissem, como no exemplo a seguir:

Sei que escrevo meu fracasso. Queria escrever um livro que falasse de adoção, um livro com uma questão central, uma questão premente, ignorada por muitos, negligenciada, até em autores capitalista, mas o que caberia dizer afinal? Que incerta verdade sobre essas vidas que não conheço, marcadas por um ínfimo abandono inaugural, talvez nem mesmo abandono, talvez mera contingência pessoal, fortuita como outras, semelhante a quantas mais? O que teria a oferecer senão receios, ressalvas, interrogações? Queria tomar o exemplo do meu irmão e torna-lo, de alguma forma, em que alguns se reconhecessem, e que falasse como dois olhos. Mas como poderia meu irmão representar a si? Injusto papel o que lhe atribuí, meu irmão refém do que jamais será. (Fuks, 2015, p. 95)

Ficcionalizar-se veio para colocar essa prática na literatura, e o fluxo de consciência na narrativa tem estado mais aberto às trocas de experiências por meio da escrita. No caso de *A Resistência*, o narrador encontra na sua realidade temáticas favoráveis para um bom enredo: por exemplo, os desencontros com a família e as questões políticas (ditadura na Argentina e exílio em um país de costumes diferentes).

Algumas até tive que omitir porque nenhum leitor toleraria: como aceitar que tenham voltado à Argentina em pleno regime, clandestinos e vulneráveis, como aceitar que tenham se arriscado tanto para tentar adotar uma menina? Bom, pode ser, minha mãe contemporiza, que seja, a reunião no parque pode ter acontecido, meu pai aceta e concede: Aqueles eram mesmo anos inverossímeis. (Fuks, 2015, p. 136)

Nota-se, desse modo, que o distanciamento entre o autor e o narrador do romance discutido nessa proposta começa a diminuir ao passo que as suas histórias se encontram e se assemelham: problemas com o irmão adotivo; crise política; posicionamento ideológico; ditadura; exílio. Nesse sentido, pressupõe-se que o que pode determinar como cada um se apresenta é a forma como a subjetividade do autor colabora para a elaboração da narrativa, pois, segundo Michel Foucault (1969, p. 45), “um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome, etc.)”. A questão de identidade começa a mostrar-se cada vez mais nítida quando o narrador se manifesta ideológica e politicamente. Tendo um posicionamento de esquerda e de resistência, o narrador aborda muito a oposição à ditadura argentina da qual seus pais fugiram, o que resultou no exílio no Brasil.

Não, não tem um epílogo a história política dos meus pais. Seu inconformismo tem contornos mais discretos e a um só tempo mais nítidos: sua militância sempre se manifestou no hábito de questionar, disputar, discutir. Agora que assim os vejo, sinto que não me diferencio, ou que neste momento não o desejo. Agora que a descrevo assim, sem a ficção que a enleve, a arma volta a perder qualquer fascínio. Estou com meus pais enquanto deixam o parque, deixo para trás o que não conheci. Que se limite a insubordinação ao ato reflexivo, tudo bem, à mesa da sala tomo um gole do chá que tanto resolvi. Jamais quereria ter uma arma nas mãos, e dizê-lo é também uma ação, também constitui uma história política. (Fuks, 2015, p. 109)

Em *A Resistência*, o narrador-personagem atua diretamente na construção do enredo, pois conta a história de sua vida, de seus pais e de seu irmão, por isso a sua subjetividade pode ser entendida como escopo para interpretar e dialogar com outras formas de conhecimento do saber. Neste caso, percebe-se que Sebastián deseja rememorar toda a sua vida e tentar resolver todas as suas inquietações sobre a relação com seu irmão adotivo, a situação de seus pais em relação ao cenário de exílio, tendo como plano de fundo histórico a situação política da ditadura argentina. No entanto, a inquietação maior se mostra sempre com o irmão, por ter uma personalidade e identidade ainda questionáveis e desconhecidas.

Digo que meu irmão é filho adotivo e as pessoas tendem a assentir com solenidade, disfarçando qualquer pesar, baixando os olhos como se não sentisse nenhuma ânsia de perguntar mais nada. Talvez compartilhem da minha inquietude, talvez de fato se esqueçam do assunto no próximo gole ou na próxima garfada. Se a inquietude continua a reverberar em mim, é porque ouço a frase também de maneira parcial – meu irmão é filho – e é difícil de aceitar que ela não termine com a verdade tautológica habitual: meu irmão é filho dos meus pais. Estou entoando que meu irmão é filho e uma interrogação sempre me salta aos lábios: filho de quem? (Fuks, 2015, p. 10)

Dessa forma, percebe-se que quem conta a história o faz para mostrar, por meio de memórias e relatos, como a repressão política foi cruel com todos aqueles que passaram por esse momento

tão horrível da história para os sobreviventes – como os pais de Sebastián que foram expulsos de Buenos Aires quando o irmão ainda é muito novo (apenas 6 meses de vida) (Fuks, 2015, p. 18). Mostra-se aí a forte presença de uma subjetividade do narrador que não consegue desprender-se de seu passado devido aos questionamentos incompreendidos por ele e, por isso, sempre volta a esses momentos por relatos de outras pessoas ou por suas memórias.

O enredo do livro *A Resistência* tem como tema central a questão familiar: Sebastián – o personagem principal – discorre acerca da adoção de seu irmão mais novo, de quem acabara tendo certo distanciamento. Por meio da memória para conseguir alguma explicação no seio familiar, Sebastián deseja sempre encontrar alguma razão pela qual teve um relacionamento tão conflituoso com seu irmão adotivo. Assim, “a memória, nesse sentido particular, é caracterizada inicialmente como afecção (*pathos*), o que a distingue precisamente da recordação” (Ricouer, 2007, p. 35), o que, na obra *A Resistência*, remete à questão de (re)memoração do passado (Ricouer, 2007, p. 34) por parte de um indivíduo e do coletivo. Enquanto a memória é uma faculdade/capacidade pela qual o indivíduo guarda para si ideais ou imagens ou as recupera com certo esforço, a recordação é o ato de lembrar algo bom ou ruim. Recordar é voltar ao coração conforme a própria origem da palavra. Essa situação é descrita desde o início do livro quando o narrador comenta que há uma cicatriz mal fechada:

Meu irmão é adotado, mas não posso e não quero dizer que meu irmão é adotado. Se digo assim, se pronuncio essa frase que por muito tempo cuidei de silenciar, reduzo meu irmão a uma condição categórica, a uma atribuição essencial: meu irmão é algo, e esse algo é o que tantos tentam enxergar nele, esse algo são as marcas que insistimos em procurar, contra a vontade, em seus traços, em seus gestos, em seus atos. Meu irmão é adotado, mas não quero reforçar o estigma que a palavra evoca, o estigma que é a própria palavra convertida em caráter. Não quero aprofundar sua cicatriz e, se não quero, não posso dizer cicatriz. (Fuks, 2015, p. 9)

Se algum dia não restasse rosto ao meu irmão, eu poderia reconhecê-lo pela marca que a cirurgia deixou, eu saberia muito bem que aquele irmão é o meu. Tantas vezes vi a cicatriz em seu peito, cicatriz maior do que precisaria ser reforçada pelos anos que deveriam tê-la desfeito, que reduziriam a memória do corte a um traço bastante discreto. Toda cicatriz é signo?, eu me pergunto sem querer. Toda cicatriz grita, ou é apenas memória de um grito, um grito calado no tempo? Tantas vezes a vi, tão fácil a reconheço, mas não sei dizer o que grita, ou o que cala, aquela cicatriz. (Fuks, 2015, p. 68)

A partir daí, verifica-se que a possibilidade de o romance ser uma narrativa de filiação desde a abordagem sobre os pais, a relação do irmão adotado vindo ainda novo da Argentina para o Brasil e a questão de herdar o exílio como os pais tiveram e como questionamento de identidade: sentir brasileiro ou argentino? Quando o narrador andava por Buenos Aires e via os rostos de quem passava, ele “queria que me servissem de espelho, que em cada esquina me replicassem, que eu me descobrisse argentino pela simples aptidão de me camuflar” (Fuks, 2015, p. 18) e estar entre seus

semelhantes.

Durante toda a narração, Sebastián se vê angustiado por não compreender, de fato, seu irmão adotivo, sem ter uma aproximação adequada, como os dois fossem estrangeiros também no seio familiar, não apenas no nascimento.

Talvez fosse algo que invejássemos, essa autonomia de sua identidade, que ele não precisasse batalhar tanto por sua argentinidade. Ele nascera lá, ele era mais argentino do que nós, seria sempre mais argentino do que nós, por menos que isso significasse. Por isso nos surpreendeu, anos mais tarde, que ele deixasse de os acompanhar nas visitas insistentes que fazíamos à cidade, nas longas temporadas em que tratávamos de recordar aquele algo que nos fora, indiretamente, talvez, roubado. (Fuks, 2015, p. 19)

A construção de identidade do narrador é o que contribui com a construção do romance e mostra cada vez mais atrelada à questão da busca, por meio da memória, sobre temas que vão desde o relacionamento do protagonista com seu irmão adotivo até questões acerca da história política que atormentaram sua família pelo posicionamento de esquerda, fato que fomentara a resistência como modo de sobreviver naquela situação.

Entende-se, nesse sentido, que a obra de Julián Fuks apresenta uma narrativa que analisa fatos da sociedade, seja sobre qualquer tipo de acontecimento ou conhecimento da humanidade. Os atuais tipos de narratividade têm servido para mostrar como o narrador almeja aproximar-se o máximo possível da realidade ao mostrar suas experiências vividas em um período que tem imensa proximidade com os elementos externos da obra, no caso eventos sociais e políticos como foi a Ditadura Militar na Argentina, mas servindo também para outros países da América Latina que também passaram por esse trágico momento. Sebastián tem a uma imensa capacidade de resistir aos sentimentos que seu irmão tentava demonstrar, pois ainda havia certo processo de distanciamento de irmãos que os impedia de se sentirem uma família completa, principalmente por essa questão de identidade de pátria e cada um estar ocupado com seus afazeres e não se darem conta dessa falta de aproximação. A questão de alteridade e resistência se mostra ao longo de toda a narrativa. Sebastián, que é brasileiro, tenta sempre enxergar como era a situação dos pais e de seu irmão mais velho, já que eles são argentinos e, portanto, cultura diferente da brasileira. Assim, demonstra-se no texto essa alteridade no sentido de identidade pátria e familiar para que todos pudessem ocupar seus devidos lugares e viver em harmonia. Para isso, Sebastián tenta mostrar certa empatia e cuidado para que isso aconteça, pois sempre deu a entender que queria conhecer seu irmão, ver quais era as suas angústias, desejos e necessidades:

Meu irmão abre a porta e não me traz respostas: em sua presença as perguntas se dissipam. Meu irmão é um corpo firme postado de perfil, é um braço estendido que me convida a entrar, é um quarto que surpreende de tão pacífico. Está sem camisa, e seu torso não é gordo nem magro, sua cicatriz não é mais que seus olhos, não os quero os contemplar. Entro de cabeça baixa no quarto e é como se o ocupasse, se não restasse espaço para mais nada; noto que no quarto não cabem

as palavras. Em segundos lhe darei o livro, e talvez as palavras encontrem o seu lugar. Por ora, agora sim, me limito a olhar meu irmão, ergo a cabeça e meu irmão está lá, abro bem os olhos e meu irmão está lá, quero conhecer o meu irmão, quero ver o que nunca pude enxergar. (Fuks, 2015, p. 139)

Nesse sentido, percebe-se que o narrador Sebastián passa a mensagem de que faz um esforço para falar de sua relação com seu irmão adotivo por meio de suas memórias, mas resiste em contar essa história por ter tido dificuldades nesse sentido de relacionamento, pois há a diferença de pátria: enquanto o irmão é argentino e veio ao Brasil ainda novo, Sebastián nasceu no Brasil. Desse modo, percebe-se que essa inquietação se dá a partir do momento em que Sebastián questiona sobre não compreender o irmão, mas isso começa a mudar no fim do livro, quando o próprio irmão começa a explicar as suas inquietações, deixando tudo mais claro.

Vocês falam demais, vocês falam demais e não veem, foi o que ele acusou numa manhã em que mal nos veríamos, uma manhã em que cada um se preparava para seguir seus caminhos prévios. Estávamos à mesa tomando o café quando ele lançou sua frase intempestiva, como quem lançasse uma granada ou uma maçã argentina, como quem havia muito precisasse se fazer ouvir. Em segundos estávamos todos enfim em seu quarto, ocupando todo o espaço que nos era proscrito, escorados na parede, na escrivaninha, assombrados com sua euforia, acompanhando ou tentando acompanhar a afluência inaudita de suas palavras, tão fartas que nos paralisavam, nos entorpeciam. Vocês sabem ou fingem que sabem tanta coisa e não entendem. Não conseguem entender o que é viver esta solidão terrível, solidão absurda porque cercada, amparada, perseguida. [...] Vocês não podem imaginar o que é a repulsão pela porta, o que é a atração por essa janela enorme, essa vidraça enorme, essa sacada, o que é se debruçar nessa sacada depois de um dia de absoluto vazio, o que é ouvir do chão qualquer coisa que chama, o que é sentir essa vertigem. Vocês não sabem o que é sair à noite, finalmente conseguir sair depois de toda essa aflição sem medida, o que é pedir qualquer coisa forte, sentir o impacto dessa força e seguir, pedir de novo essa coisa e seguir, vocês não sabem o que é querer se destruir. (Fuks, 2015, p. 123)

O que se percebe nesse trecho é uma tentativa de reconstrução do passado por meio da experiência vivida pelo Sebastián sobre a crise familiar em que ele começara a entender a solidão e o vazio que seu irmão sentia. Nesse sentido, vê-se um conjunto de memórias em relatos de testemunhos passados pelo narrador para compreender essa parte de sua vida e dar algum sentido ao que o deixava angustiado, uma espécie existencial. Parece que o irmão não se sente membro da família e não se integrou a ela, desse modo há uma solidão existencial profunda, uma mobilidade semelhante ao que as pessoas depressivas descrevem. Talvez seja o único momento em que ele fala da sua angústia, da sua resistência, visto que se sente estrangeiro na própria família.

A presença dos pais sempre foi algo positivo para Sebastián, pois eles sempre passaram segurança e afeto tanto para ele e o seu irmão adotivo, logo sempre é notória uma discussão sobre o desenvolvimento familiar. Isso ocorre por haver, segundo o narrador, uma inquietação no irmão

adotivo, fazendo parecer que há uma relação conflituosa e áspera entre filhos e pais.

A anedota numa tarde silenciosa: meu irmão abre a porta do quarto-consultório e, sem dizer nada, sem invadir o espaço que lhe era proibido, sem tentar alvejar nem a mãe-psicanalista nem o paciente emudecido pelo ato, arremessa com toda a força uma grande maça argentina, espatifada no piso de tacos.

Meus pais se divertem ao contar essa história; eu me divirto ao escutá-la. Depois pergunto, sem muita certeza da necessidade, se eles chegaram a saber o que perturbava o menino, qual era sua militância, por que causa ele se manifestava – se, ali onde a luta deles se encerrava, meu irmão iniciava a sua. (Fuks, 2015, p. 105-106)

O narrador faz toda essa descrição em volta de situações de seus pais e de seu irmão para analisá-las e depois voltar para si e poder descrever e interpretar suas inquietações. Essa relação entre Sebastián e seus pais sempre teve muito embasamento e teor histórico na vida passada, e Sebastián sempre tentou olhá-la para entender como surgiu essas aflições na família. Toda essa análise se volta para a resistência à alteridade para verificar como todos conseguem conciliar seus lados pessoais com a o objetivo de viverem em harmonia.

Essa narrativa de filiação, como afirma Eurídice Figueiredo (2020, p. 7), é presente em toda *A Resistência* como modo de escrever sobre, as próprias experiências e os valores adquiridos, mas sempre interligados por valores de outros, já que, como próprio Fuks afirma em seu artigo, todas as pessoas estão em volta de ficções diferentes, cada uma com seus conceitos de verdade e ética. Logo, essa pós-ficção de que ele trata apresenta (pós)verdades próprias, assim como a aquisição de resistência a aquilo que tenta atingir a história de quem a vive.

Considerações finais

O romance é um dos gêneros mais novos criados e apresentou outra forma de se contar os assuntos que o ser humano deseja interpretar. A literatura se tornou pródiga em demonstrar diversos escritores que propuseram modos excepcionais de representar a sociedade e a realidade do escritor. Inventar uma narrativa pressupõe conhecer o que se passa à sua volta e, por meio da observação, recriar fatos por meio de elementos literários.

Nota-se que sempre houve diversas formas de narrar uma história, como mostrou esta pesquisa ao apresentar alguns exemplos seja em prosa – como *Confissões*, de Rousseau – ou na poesia – como *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga. O autor pode apresentar-se como elemento principal da narrativa, o narrador, por poderem confundir-se a depender de como se apresenta na obra. O autor é o elemento que a apresenta apenas durante a criação literária, mas pode ser também quem conta a história como em um processo de verossimilhança com a realidade.

Nota-se, no entanto, a diversidade que um romance pode apresentar, tendo em vista que uma obra literária pode apresentar-se também inacabada, uma vez que podem existir outras interpretações que podem ser abordadas no texto, com o qual o autor se encontra totalmente isolado.

Desse modo a realidade, a história e a sociedade foram passadas para diversos gêneros literários. O que a literatura transmite tem muito a ver com a ideologia do autor e com seu contexto social, assim pode-se compreender a literatura como mimeses (imitação) da ação humana por meio da linguagem a qual é o ponto de partida para a formação de cultura e a base das experiências humanas (Compagnon, 2010).

O presente artigo teve como objetivo demonstrar como o romance *A Resistência*, de Julián Fuks, tentou alcançar a realidade o mais próximo possível de uma obra literária por meio do narrador. Objetivou-se, portanto, falar sobre como o narrador se apresentou durante o processo de criação literária para entender o processo de composição de sua identidade. A pesquisa, desse modo, quis contribuir com a análise crítica e literária, pois há a possibilidade de se refletir uma abordagem da literatura e da subjetividade, além de a pesquisa avaliar e interpretar o posicionamento do narrador e debater sobre um dos desdobramentos da narrativa (autoficção, autobiografia, metaficção e pós-ficção, sendo este último usado pelo próprio Fuks como classificação da obra) que muito se tem mostrado na literatura da atualidade.

Pode-se afirmar, deste modo, que a presente discussão conseguiu alcançar seus diversos objetivos ao ratificar a importância de se tentar compreender a existência de certo distanciamento entre autor e narrador que apresenta identidades próprias por mais que se a história se aproxime muito da biografia do escritor. Todo narrador tem seu *modus operandi* que permanece apenas na escrita da obra, enquanto o autor permanece durante o processo de criação literária, cuja origem remonta ao uso da linguagem do escritor, quem possui todo o arcabouço de conhecimento de mundo e cultura para dá início ao desenvolvimento de uma obra.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

BARTHES, Roland. *Morte do autor* [1967]. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-morte-do-autor-2.pdf>. Acesso em: 13 ago 2019.

_____. *O rumor da língua*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte, UFMG, 2006.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A autoficção e o romance contemporâneo*. ALEA, Rio de Janeiro, vol. 22/3, p. 232-246, set-dez. 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A resistência, de Julián Fuks: uma narrativa de filiação*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 60, p. 1 – 8, abril, 2020. Disponível em: www.scielo.br/j/elbc/a/r7WYPK3sbNbVY7wfDRpnVRb/?format=pdf&lang=pt.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Disponível em: www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/L3FoucaultAutor.pdf. Acesso em: 4 set 2019.

FUKS, Julián. *A Resistência*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FUKS, Julián. A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo. In: DUNKER, Christian *et al.* *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

JULIÁN Fuks. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa599964/julian-fuks. Acesso em: 9 set 2019.

LUKÁCS, G. *Ensaio sobre literatura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa 1*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LEJEUNE, Phelippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerhem Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerhem Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. *Ficção brasileira contemporânea*. Organização da coleção: Evandro Nascimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

José Ricardo Costa Miranda Filho

Graduado em Comunicação Social, Mestre e Doutor em Artes/Cinema pela Escola de Belas Artes da UFMG. Durante o doutorado realizou parte da pesquisa no Laboratório La Camera Ottica, em período sanduíche na Università degli Studi di Udine (Itália). É Professor do Curso de Cinema e Audiovisual no Centro Universitário UNA. Foi Diretor do MIS-BH (Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte) e Membro da Câmara de Fomento à Cultura Municipal da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. É criador do canal De Filme em Filme de divulgação de cinema, e crítico, roteirista e diretor de obras audiovisuais.
E-mail ricardomiranda88@yahoo.com.br

Recebido em 15/06/2023.

Aceito em 15/10/2023.